

# TRAJE(HIS)TÓRIAS: MOVIMENTOS E EXPERIÊNCIAS LEITORAS DOS LIVROS A MULHER DE ALEDUMA (1981), OS ESTANDARTES (1995) E NEGÃO DONY (1978) DE ALINE FRANÇA

Daniela dos Santos Damasceno<sup>1</sup>

*Resumo:* A literatura, no caso em sua especificidade de autoria negra, pode propiciar a (re) apropriação de um território cultural, sendo possível reverter valores, criar personagens dando-lhe características, espaço/tempo a partir de uma ótica particular. Assim, o texto literário, enquanto construção de sentido pode nos possibilitar repensar representações sociais, redimensionar nosso olhar sobre o espaço social e questionar imagens, na medida em que atualizam signos-lembranças que inserem o corpo negro numa cultura específica, desmitificando, por exemplo, estereótipos e mitos sobre o negro e seu espaço, reproduzidos por sua vez nas diversas mídias e também na literatura. Uma dessas vozes é a voz de Aline França, escritora negra baiana. Os seus textos ficcionais residem em um protagonismo feminino (frequente), negro e baiano.

*Palavras-Chave:* Aline França. Experiência de leitura. Identidade.

## INTRODUÇÃO

A Literatura é a arte da escrita. Escrever é ato do bem ouvir e ler, por isso aquele que produz literatura é capaz de dar beleza, vida e magia a sua ação criativa. Através da literatura é possível refletir, informar e se posicionar frente a um assunto em questão.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Santiago. Endereço eletrônico: danisrad2010@gmail.com.

O escritor projeta luz ao elemento que o toca e sensibiliza, revelando assim, um ponto de vista entre tantos outros possíveis.

Portanto, a leitura, no seu sentido mais amplo e possível, pode potencializar ou silenciar/camuflar a subjetividade dos indivíduos. O texto literário, sua análise, enquanto construção de sentido pode nos possibilitar repensar representações sociais, redimensionar nosso olhar sobre o espaço social e questionar tais imagens, na medida em que atualiza signos-lembranças que inserem corpos em culturas específicas.

Uma dessas vozes é a de Aline França. A escritora nasceu em Teodoro Sampaio-Ba, recôncavo baiano, no ano de 1948. Dentre seus escritos estão a novela *Negão Dony*, lançada em 1978, o livro *A mulher de Aleduma* (1981), e *Os estandartes* (1995). Os textos ficcionais da escritora residem em um protagonismo negro baiano, seus escritos evidenciam um modo peculiar e inovador de rerepresentar a imagem do homem e da mulher negra, bem como, abre novos rumos para as temáticas da literatura negra na década de 70.

A obra de Aline França nos permite imaginar e vislumbrar futuros negros fascinantes ao tempo em que rememoramos passados grandiosos, aqueles que conhecemos nas reverberações do presente e a memória adormecida que somos convidados a reconhecer. A escritora inova e renova temáticas, voltando-se para o seu espaço, à sua terra, que é a Bahia e também é África(s), à sua memória, à sua identidade de mulher negra, dialogando com a experiência ancestral, repensando os dilemas que as categorias raça, classe e gênero lhe impunha.

Enquanto visão negra, sua literatura reivindica futuros a partir da rememoração de histórias, esquecidas ou sublinhadas no imaginário, remodeladas como símbolos ou alegorias nas suas narrativas, que celebram o continente africano e suas inúmeras diásporas, que ressaltam a mulher negra e o homem negro. As

narrativas de França se projetam na revolução contra o racismo, e encorajam a presença de mulheres em lugares de poder.

Assumindo a literatura como insurgência negra, a escritora ressalta nas narrativas conquistas por meio de lutas negras, sem que as paisagens fixem apenas em esfera mítica reduzida ao gozo paradisíaco, ao sentimento utópico. França utiliza seus escritos para exaltar a mente negra, sua beleza, seu legado, corpo e cabelo, por muitas vezes negado/violentado. A memória é efetivamente a chave principal.

Escritora de desconcertos, Aline França desmistifica estereótipos e mitos sobre o negro e seu espaço, cria e vislumbra futuros audaciosos. Demonstra um modo atento de pensar, ler e escrever a negritude. Intelectual afrocentrada, resgata valores e esbanja ancestralidade. Mulher, negra, baiana, escritora, artista e pensadora, expressa altivez ao escrever, coragem ao significar. Renova e incorpora à literatura novas possibilidades de pensar a mulher negra e o homem negro. Revolucionária, combate o preconceito, a desigualdade, o machismo, o sexismo e tudo aquilo que oprime e viola direitos. Reivindica e reelabora imagens, presenças, óticas e grafias.

Além de sublinhar a história factual de luta dos negros, seus escritos nos levam a questionar histórias e imagens. Sua obra nos possibilita repensar, reconhecer e valorizar processos históricos e étnicos culturais das comunidades negras, seja em solo africano ou nos inúmeros territórios das diásporas. A partir de uma linguagem que projeta futuros, França lança um olhar ao que está posto e ao que poderia ser. Construir uma percepção acerca das obras da escritora é se desconstruir e construir-se conjuntamente. Enquanto mulher negra, leitora, pesquisadora e amante da literatura de Aline França, seus escritos me desafiam a buscar um protagonismo que me é de direito, um lugar de fala que apesar de negado, deve ser reivindicado.

Apesar dos avanços relacionados às pesquisas, investigações e estudos das histórias e comunidades negras afro-brasileiras, bem como dos estudos dos escritos negros femininos, há muito ainda a ser explorado. Assim, a proposta de pesquisa denominada “Traje(his)tórias: movimentos e experiências leitoras dos livros *A mulher de Aleduma* (1981), *Os estandartes* (1995) e *Negão Dony* (1978) de Aline França”, tem por objetivo ouvir, analisar narrativas leitoras dos leitores de Aline França por intermédio de um movimento comparativo e de intervenção, isto é, para além de entender para quem e o que fala, permitir que a leitura dos seus escritos seja pensada em dois tempos distintos: leitores da década de 70/80/90 e início do século 21 e leitores contemporâneos.

A partir desse cenário busco resposta para as seguintes questões: Como a promoção de discussões reflexivas entre mulheres negras e homens negros através da literatura de Aline França, mulher, negra e intelectual ampliou e/ou pode ampliar suas referências identitárias e impactar as suas realidades? O que esses leitores têm a nos dizer? É possível a um sujeito leitor negro enxergar-se nos textos levando em conta os fatores sócio-históricos, culturais e ideológicos perpetrados pela sociedade? Ademais, como a análise das suas obras enquanto textos literários podem ressignificar e contribuir com a formação identitária e afirmação étnico/racial e; Qual a importância de recepcioná-los?

A partir das análises das experiências de leitura dos três livros selecionados, a pesquisa busca, também, publicizar ou fazer circular as obras de Aline França na contemporaneidade, que, nas palavras da autora afro-americana Alice Walker, “por instintos contrários”, ou por questões múltiplas de relações de poder e hegemonia acabaram, como tantas outras, ‘perdidas’ ou ‘esquecidas’, apesar de produção literária consistente e valorosa.

Do ponto de vista social, a pesquisa implica refletir em como a análise dos textos literários em questão pode contribuir com o

processo de ressignificação identitária, formando a partir da literatura cidadãos críticos e reflexivos sobre si mesmos e sobre a sociedade na qual estão inseridos. Ademais, entender a recepção dos textos de Aline França por parte dos leitores da década de 70/80/90 e início do século 21 e dos leitores contemporâneos é também um modo de entender sua inserção e protagonismo, bem como sua reverberação. Ouvir o leitor de Aline França é entendê-lo não apenas como um receptor, mas produtor de significação, isto é, comunicador e produtor de sentido.

Com relação ao percurso metodológico, esta pesquisa se fará em caráter bibliográfico, qualitativo, descritivo, analítico e interpretativo. Bibliográfico, haja vista a pesquisa e análise de acervos documentais acerca da escritora Aline França para entender melhor a sua inserção e recepção na década de 70 (notícias, revistas, jornais, depoimentos, entrevistas etc). Contudo, a pesquisa se concentra em analisar as experiências de leitura dos livros *Negão Dony* (1978), *A mulher de Aleduma* (1981), e *Os estandartes* (1995), em dois tempos: leitores da década de 70/80/90 e início do século 21 e leitores contemporâneos. A intenção é ouvir um público alcançado por Aline a partir da década de 70 e entender como Aline França, uma autora até então desconhecida alcança essa repercussão e atinge esse público leitor.

Acerca dos leitores contemporâneos, busco entender como esses leitores leem, isto é, quais sentidos atribuem a essa literatura e se se veem representados pela mesma. Apesar de se tratar de uma investigação receptiva, permitir que negras e negros acessem discursos de outro que, assim como eles, inseridos numa sociedade racista, decidiram enfrentar inúmeras vozes de estranhamento e encontraram na escrita e na leitura a possibilidade de se fazer presente em ambientes que há muito representa território de supremacia masculina branca, faz da pesquisa uma proposta de

intervenção. Portanto, será considerado leitor, aquele que leu/ler ao menos um dos três livros publicados de Aline França.

É a África ressignificada, relida por autores como Aline França que a tem tornado “pronunciável” enquanto condição social e cultural de nossa existência. De acordo com Regina Dalcastagné (2012) a literatura nos permite falar sobre si e sobre o mundo, conseqüentemente, de se fazer visível e de visualizar outros, haja vista que escrever é um ato político. Escritores/ intelectuais a margens, a exemplo de Aline França, contrapõe o cânone literário dando voz a grupos marginalizados socialmente. Nesse contexto, o intelectual negro se inscreve na dimensão da luta contra o poder, e pelo poder. Portanto, a produção intelectual do negro e da negra enquanto intelectual ocorre a partir de dois eixos: resistência e reexistência, articulando “[...] a militância política e a produção do conhecimento sobre a realidade étnico-racial a partir de sua própria vivência racial” (GOMES, 2009, p. 496).

A posição de Aline França em torno deste ponto — a influência da subjetividade ou da determinação histórica do sujeito no conhecimento produzido por ele — é bastante interessante para que se possa compreender a sua atuação. Enquanto produtora de um processo histórico, o que está em jogo não é meramente o seu lugar de fala subjetiva enquanto intelectual, mas em que lugar ou ainda, de que lado, ela se posiciona na disputa entre os grupos sociais. Os escritos de Aline França, por exemplo, são marcados por sua condição de mulher negra baiana. Assim, a escritora nega a neutralidade política, conseqüentemente, nega a neutralidade na produção de conhecimento. A explicitação de sua vinculação a um grupo social específico da sociedade — o lado dos subalternizados — aparece recorrente nos seus textos. Não significa dizer que Aline França pertença a um grupo incapaz de representar a si mesmo, mas de declarar-se vinculada a ele, proveniente dele e defender seus interesses nas disputas de poder.

Assim como bell hooks tornou-se uma intelectual para entender melhor o seu contexto e a sociedade a qual estava inserida, Aline França, a partir da sua escrita, incorporou uma nova dinâmica narrativa, do ponto de vista territorial, temático, filosófico e psicológico, a fim de demonstrar seu compromisso com o real, e com os modos de resistência e reexistência negra, mesmo que essas pautas sejam discriminadas.

Segundo Ana Lúcia Silva Souza (2009, p. 39):

Desta forma, ao longo dos tempos, as produções culturais negras, “culturas de resistências”, antes de serem entendidas em sua “pureza”, como manutenção ou retorno às tradições ou legados da “África”, são produções híbridas, nascidas nos intercruzamentos de culturas, como combinações de transgressões, submissões, negociações, interdições, trocas, rupturas e subversões (SOUZA, 2009, p. 39).

Nesse sentido, Ana Lúcia Silva Souza (2009, p. 33) aponta o letramento de reexistência como uma reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos da linguagem comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não. Além disso, a autora entende letramento como uma prática social que, para além das habilidades individuais de uso da linguagem, se realiza em contextos sociais, políticos e culturais.

De acordo com Ana Lúcia Silva Souza (2009), para os rappers, a educação e a posse da palavra são marcadas pelo esforço de reconhecimento de si, desafiando, sob diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações. Portanto, segundo a autora:

A singularidade está nas micro-resistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas

roupas, não apenas no conteúdo, mas também nas formas de dizer, o que remete tanto à natureza dialógica da linguagem como também às proposições dos estudos culturais que revelam que as identidades sociais, sempre em construção, se dão de forma tensa e contraditória, próprio de situações em que se está em disputa por lugares socialmente legitimados (SOUZA, 2009, p. 33).

A subordinação sexista, por exemplo, continua a obscurecer e desvalorizar a obra de intelectuais negras. Muitas intelectuais continuam, praticamente, invisíveis nessa sociedade eurocentrada e preconceituosa. De tal modo, percebe-se que essa invisibilidade é ao mesmo tempo em função do racismo, do sexismo e da exploração de classe institucionalizada. Por isso, muitas vezes, a intelectualidade negra é ainda vista como suspeita.

Em movimento negro educador, Nilma Lino Gomes (2017) nos mostra o quão fundamental é o movimento negro na construção de saberes em termo da negritude no Brasil. De acordo com a escritora “Os movimentos sociais são produtores e articuladores de saberes construídos pelos grupos não hegemônicos e contra hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos nas relações políticas e sociais” (2017, p. 16). Portanto, uma das funções centrais na produção intelectual negra é pensar teorias, a partir das experiências, vivências das e nas culturas e produções negras. Ainda de acordo com Gomes “[...] esses sujeitos produzem um conhecimento pautado não mais no olhar do ‘outro’ intelectual branco comprometido (ou não) com a luta anti-racista, mas pelo olhar crítico e analítico do próprio negro como pesquisador da temática racial” (GOMES, 2009, p. 422).

É com base na ecologia dos saberes, “um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegemônicas e pretendem contribuir para credibilizá-las e fortalecê-las”, que Nilma Lino Gomes (2009) busca compreender a produção, a história, as tensões, e os desafios



vivididos pela intelectualidade negra brasileira destacando o caráter inovador, contestador, e a radicalidade política do conhecimento e das práticas por ela produzidos.

Visto que, as relações de poder historicamente construídas violentam, especificamente, mulheres pobres, negras, indígenas e imigrantes, a problematização e análise das imbricações de raça, gênero e classe social nos proporciona olhar a multiplicidade de diferenciações acerca da categoria gênero como uma construção histórico-social contínua. Haja vista que a falta de um olhar étnico-racial para políticas de enfrentamento contra a violência que atinge mulheres, e a combinação de opressões, coloca a mulher negra em um lugar em que só a interseccionalidade permite que identidades sejam pensadas na sua totalidade, não uma em detrimento da outra.

Assim, pensar a interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, faz-se necessário romper com a estrutura para construir uma análise que contemple as múltiplas realidades sociais e culturais vivenciadas pelas mulheres latino-americanas, por exemplo. Logo, raça, classe e gênero não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável. Além disso, segundo Patrícia Hill Collins (2017):

A interseccionalidade conecta dois lados de produção de conhecimento, a saber, a produção intelectual de indivíduos com menos poder, que estão fora do ensino superior, da mídia, de instituições similares de produção de conhecimento e o conhecimento que emana primariamente de instituições cujo propósito é criar saber legitimado (COLLINS, 2017, p. 7).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escritoras negras falam/existem novos sentidos podem ser articulados. Por meio dos seus escritos, Aline França estimula, proporciona, e permitem alternativas e práticas que desloca discursos e poderes prevaletentes. Suas obras não apenas expõem, mas visibiliza e circula diferenças que constitui grupos sociais, mostrando, principalmente através dos seus personagens, um poder de emancipação coletivo do povo negro. Enquanto agente de letramento, a escritora atua a partir de uma pedagogia da diferença e da inserção política na luta anti-racista.

De acordo com Regina Dalcastagné, (2012) é fundamental a autenticidade dessa representação. Tendo em vista que, os saberes produzidos por grupos ditos à margem/subalternos, para além de serem contra discursos importantes, são espaços de potência e configuração do mundo por olhares e geografias outras. O universo da pesquisa é um espaço importante para legitimar com autenticidade um autor/autora e obras, considerando que esse terreno alimenta o processo da educação superior que forma, consequentemente, novos agentes do campo literário.

## REFERÊNCIAS

- DALCASTAGNÈ, Regina. O lugar da fala. In: DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território conquistado*. Vinhedo: Horizonte, 2012, p. 17-48.
- FRANÇA, Aline. *Negão Dony*. Salvador: Prefeitura de Salvador, 1978.
- FRANÇA, Aline. *A mulher de Aleduma*. 2. ed. Salvador: Clarindo Silva e Cia. Ltda., Tipografia São Judas Tadeu, 1981; Salvador: Ianamá, 1985. (ambas esgotadas).
- FRANÇA, Aline. *Os Estandartes*. 2. ed. Salvador: Editora Littera, 1993; Salvador: Editora BDA-BAHIA LTDA., 1995.
- GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Ed Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção de conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: *Epistemologias do Sul*. Organização: Boaventura Souza Santos e Maria Paula Mendes. São Paulo. Ed. Cortêz, 2009.

HILL COLLINS, Patricia. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. In: *Parágrafo*. Dossiê “Comunicação e Desigualdades”, v. 5, n. 1. Trad. Bianca Santana. Jun/Jul 2017.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 3, n.2, p. 464-478, ago./dez. 1995.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Os métodos: dos meios às mediações. In: MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 6 ed. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009. p. 261-333.

RIBEIRO, Djamilia. *O que é: lugar de fala*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip hop*. Campinas SP, 2009, p. 29-87.

